## COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

# Brizola prega moderação

O dia ontem em Brasília foi do PT, que escolheu a capital da República para fazer o primeiro ato oficial da candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva. Lá estava o vice, que na concepção do adversário torna desnecessária a ação do inimigo: Leonel de Moura Brizola. Por isso, e também por uma questão de precedência de biografias, vale a pena observarmos o que anda pensando o ex-governador um tanto calado desde que a afirmação de algumas de suas posições trouxe desconfortos à oposição e alegrias à seara governista.

No que se refere ao assunto das privatizações, Brizola não pretende mais alimentar nenhum dos dois sentimentos. Depois que ele e Lula tiveram uma conversa franca sobre o assunto, o ex-governador chegou à conclusão de que é mesmo melhor abandonar o tema, pelo menos por hora. "Os adversários iriam se aproveitar disso até para arranjar dinheiro."

Dinheiro, para quê? "Imagino que para a campanha, mas também não ponho minha mão no fogo quanto a outras destinações", ironiza. Por isso, disciplinadamente, assegura que adotará o discurso favorável às auditorias.

E engata firme uma ré: "Seria até uma injustiça pensar em qualquer revisão sem antes verificar onde realmente houve irregularidades."

Teria o engenheiro abandonado suas convicções mais íntimas? Não, apenas trata-se de um homem de larga experiência política que sabe perfeitamente bem que há hora de brigar e hora de calar. Tanto que vai desde já afirmando que o PDT não criará nenhum tipo de embaraço ao PT caso venha mesmo a vitória que ele considera certa.

Ao contrário, se algum conselho quer dar aos companheiros de aliança é justamente para que se preparem para o exercício da conciliação. "No governo o PT terá de moderar", conversar com todos os setores sem excluir nenhum, notadamente os militares. "Se queremos ter uma política de defesa nacional, e queremos, temos de ouvir as Forças Armadas."

Embora conte com a vitória, que segundo ele virá repetindo o fenômeno inglês da eleição de um líder do partido trabalhista por causa do desgaste de anos de prevalência da aliança conservadora-liberal, Brizola não vive a ilusão da maioria congressual. "Infelizmente nessa área não conseguiremos repetir o sucesso de Tony Blair."

*Daí a necessidade premente da negociação. "Limpa, sem transações como faz o Fernando Henrique."* Mas Brizola também está caraminholando umas idéias a respeito de com quem e como negociar e encaminhar soluções para os problemas brasileiros.

"O processo democrático é muito flexível e, dentro dos limites da Constituição, podemos ultrapassar algumas fronteiras ainda não exploradas."

**"Lula não terá ninguém à esquerda para atrapalhar, como eu teria o PT." (Leonel Brizola)**

Estaria o ex-governador fazendo, bem ao seu gosto, profissão de fé do diálogo direto com as massas?

De certa forma sim. Mas diz e repete que não fala em soluções extra-institucionais, e sim em meios e modos de governar que incluam iniciativas populares. "Por que não podemos sonhar em ter uns 20 jornais, umas 20 emissoras de televisão e rádios que nos apoiarão?"

O interlocutor lembra sua cadeia da legalidade em favor da posse de João Goulart como um possível exemplo disso que ele fala, mas não detalha. "Sim, por que não?"

Acrescenta no rol de interlocução o MST, cuja fundação reivindica para si. "Em 1961 fundei o Master, Movimento dos Agricultores Sem Terra", que foram os primeiros a adotar a tática dos acampamentos como arma de reivindicação. "Acampar para reivindicar era o lema, desde que não se ultrapassasse alambrado." Isso quer dizer sem invasões, posição que Brizola continua a defender. "Sou a favor do direito de propriedade, tanto que quero esse direito para todo mundo."

Talvez seja por isso que no PT se diga que na questão social Brizola está à direita de Lula. Ele não gosta muito do conceito, nega de leve e reafirma que não criará problemas. Vai mudando logo de assunto afirmando que se sente "seguro" com o novo Lula que "nesses anos adquiriu uma grande percepção das coisas e hoje é um grande negociador, um grande conciliador".

O passado de conflitos, prefere deixar mesmo no passado. "Aprendemos a nos conhecer e Lula, para essa minha geração de homens que estão com ele, como Arraes e João Amazonas, representa a garantia da defesa de nossas idéias pelos próximos 25 anos."

Brizola ainda vai mais longe nas considerações a respeito daquele que, pelo jeito, considera como herdeiro e diz que ele, Leonel Brizola, teria muito menos condições políticas de governar o país do que Lula.

"Ele não terá ninguém à esquerda como eu teria o PT para me atrapalhar. E como não criou as arestas que fui criando ao longo da vida com vários setores da oligarquia, Lula assumirá o poder com condições de governabilidade econômica e social."

No entender de Brizola, Lula não ficará – como provavelmente ele ficaria – "à mercê dos humores da elite", e o empresariado terá, prevê, uma surpresa com a eleição de um presidente do PT.

Quando parece que agora vem chumbo, Brizola adocica: "Vão se deparar com o pacto social que procuram há tanto tempo e até hoje não encontraram."